



Alckmin na Fazenda para acalmar

Vice reeleito pode assumir o ministério para mostrar ao mercado compromisso do governo com a responsabilidade fiscal

» FERNANDA STRICKLAND
» ARMANDO HOLANDA

Como o governo de Luiz Inácio Lula da Silva ainda está em curso, para a quarta e última gestão do presidente os nomes que poderão formá-lo devem ser decididos somente a partir do fim de novembro. Assim mesmo, fontes palacianas que se dispuseram a analisar o assunto, não acreditam em mudanças significativas ou surpreendentes.

O vice-presidente Geraldo Alckmin pode assumir um posto de peso. É, hoje, o nome mais cotado para dirigir o Ministério da Fazenda. A razão é simples: resgatar a simpatia da Faria Lima, que se jogou de cabeça na campanha de Flávio Bolsonaro. A colocação de Alckmin na pasta seria a demonstração de que o governo, a partir de 2027, assume um compromisso sério e público com o equilíbrio fiscal, tanto cobrado pelo setor financeiro. Dario Durigan, nesse

caso, poderia substituir Alckmin exatamente na pasta da Indústria, Comércio e Serviços — e continuar o trabalho de negociação com o governo de Donald Trump que está em curso e do qual, aliás, já participa.

O patamar de André Janones também tende a ser outro. O deputado da Rede Sustentabilidade por Minas Gerais foi reeleito, mas exerceu papel fundamental entre o primeiro e o segundo turno ao eletrizar a militância e fazer com que os petistas — e os não eleitores de Flávio — se engajassem na reeleição. No discurso da vitória, Lula deu a entender que o palamentar terá papel preponderante na comunicação do governo neste quarto mandato. Garantiu, inclusive, que será mais visto nas redes sociais e falará diretamente à sociedade.

Isso não quer dizer, porém, que Janones foi aceito pelas hostes do PT, que tem dúvidas sobre os métodos de mobilização que utiliza, considerados iguais aos da

extrema-direita. Dentro da campanha do presidente, houve quem torcesse o nariz para ele. E não são poucos os petistas que consideram inconcebível o deputado ser cogitado para algum posto relacionado à comunicação — setor que vem sendo motivo de críticas desde que o presidente obteve o terceiro mandato, em 2022.

Por conta, sobretudo, da campanha no segundo turno, além da falta de sucessores para a disputa de 2030, alguns nomes cresceram muito no conceito de Lula — embora já fossem admirados pelo presidente. O senador Camilo Santana (PT-CE) é um deles. No primeiro turno, ele trabalhou intensamente pela reeleição do governador Elmano de Freitas e conseguiu o segundo mandato para o petista.

No segundo turno, assumiu as rédeas da campanha à reeleição ao lado do governador do Piauí, Rafael Fonteles, e do presidente do PT, Edinho Silva. Essa triade foi

responsável pelo reagrupamento da tropa, que estava dispersa na etapa anterior da eleição — como chegou a reclamar publicamente o próprio Lula.

Camilo foi ministro da Educação. Mas, no próximo governo, pode se tornar um dos mais próximos auxiliares de Lula e ocupar a poderosa Casa Civil. Só que não estaria afastada a hipótese de ele retornar ao MEC e manter a visibilidade de uma pasta forte e capaz de projetá-lo para voos mais altos.

Camilo, porém, tem um adversário de peso para a Casa Civil: o ex-ministro da Fazenda Fernando Haddad, derrotado por Tarcísio Gomes de Freitas na disputa pelo governo paulista. Sobre se ele pode ser o nome a ser lançado pelo PT à Presidência em 2030, isso é algo a ser analisado com o tempo. Haddad é considerado “pau para toda obra”, mas perdeu duas vezes para o bolsonarismo — agora, para Tarcísio, e em 2018, para Jair Bolsonaro.

Quem corre por fora também pela Casa Civil é Gleisi Hoffman, que já esteve no Palácio ao ocupar a Secretaria de Relações Institucionais. Ela disputou o Senado pelo Paraná e não foi eleita. Considerada pessoa de confiança — presidiu o PT quando o presidente esteve preso nas dependências da Polícia Federal, em Curitiba —, Lula tende sempre a mantê-la por perto e em postos-chave.

Fica onde está

Quem deve permanecer onde está é Alexandre Padilha, ministro da Saúde. Desde que sucedeu Nísia Trindade, é consenso dentro do Palácio do Planalto que a pasta não apenas obteve visibilidade como se envolveu na articulação política direta com estados, municípios e Congresso. O perfil de Padilha, de muita presença nas redes sociais, é considerado mais compatível com a comunicação atual, sobretudo por causa do alcance das plataformas

para a divulgação de programas do governo na área.

Também devem voltar ao governo Simone Tebet e Marina Silva, ambas derrotadas em São Paulo na corrida ao Senado. Mas não representa que reocuparão os espaços em que estavam antes de decidirem disputar as eleições. Tebet é considerada um bom nome para voltar ao Planejamento, mas, nesse caso, sua maior rival é Miriam Belchior, que também esteve à frente da pasta, só que no governo de Dilma Rousseff. Há a possibilidade, ainda, de Miriam ser deslocada para a presidência da Petrobras.

Marina, entretanto, pode ser alocada nesta mesma Petrobras. Crítica da prospecção de petróleo na Margem Equatorial, um projeto que vem sendo acalentado por Lula é colocá-la no comando da empresa com o objetivo de consolidar a estatal como produtora de energia limpa e renovável — o presidente várias vezes disse que seria o papel da empresa no futuro.

Rostos nem tão novos assim

ÁREA ECONÔMICA				PALACIANOS			EDUCAÇÃO	PETROBRÁS	
Ministério da Fazenda	Ministério da Indústria, Comércio e Serviços	Ministério do Planejamento		Casa Civil			Ministério da Educação	Presidência	
			ou 		ou 	ou 			
Geraldo Alckmin	Dario Durigan	Miriam Belchior	Simone Tebet	Camilo Santana	Fernando Haddad	Gleisi Hoffman	Camilo Santana	Miriam Belchior	Marina Silva